

Folias de Reis: o sagrado e o profano na tradição religiosa e na sustentação da crença.

Prof. Dr. Euclides Marchi

Universidade Federal do Paraná

Tendo, pois, Jesus nascido em Belém de Judá, no tempo do rei Herodes, eis que os magos vieram do Oriente a Jerusalém. Perguntaram eles: “onde está o rei dos judeus que acaba de nascer? Vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo”. A esta notícia, o rei Herodes ficou perturbado e toda a Jerusalém com ele. Convocou os príncipes dos sacerdotes e os escribas do povo e indagou deles onde havia de nascer o Cristo. Disseram-lhes: “Em Belém, na Judéia, porque assim foi escrito pelo profeta: *E tu Belém, terra de Judá, não és de modo algum a menor entre as cidades de Judá, porque de ti sairá o chefe que governará Israel, meu povo (Miq.5,1)*”. Herodes então chamou secretamente os magos e perguntou-lhes sobre a época exata em que o astro lhe tinha aparecido. E enviando-os a Belém disse: “Ide e informai-vos bem a respeito do menino. Quando o tiverdes encontrado, comunicai-me para que eu também vá adorá-lo”. Tendo eles ouvido as palavras do rei, partiram. E eis que a estrela que tinham visto no Oriente, os foi precedendo até chegar sobre o lugar onde estava o menino, e ali parou. A aparição daquela estrela os encheu de profunda alegria. Entrando na casa, acharam o menino com Maria, sua mãe. Prostrando-se diante dele, o adoraram. Depois, abrindo os seus tesouros, ofereceram-lhe como presentes: ouro, incenso e mirra. Avisados em sonho de não tornarem a Herodes, voltaram para sua terra por outro caminho (BIBLIA SAGRADA: MATEUS, 2, 1-12).

A narrativa de Mateus constitui-se num discurso fundador do qual se produziram diferentes comentários e interpretações que sobrevivem até o presente momento. Sem as necessárias precisões estatísticas, esta talvez seja uma das descrições que mais instigou o imaginário cristão-católico a produzir um dos rituais que desafiam o tempo e as estruturas organizacionais da Igreja Romana. Dela, sem dúvida, nasceu uma das festas religiosas que reproduzem discursiva e ritualisticamente a estória do evangelista e propaga uma das representações religiosas mais tradicionais no mundo da religiosidade popular do Ocidente, a folia de Reis.

Construída paralelamente às estruturas oficiais, ela marca uma forma de catolicismo desclericalizado e assentado sobre a organização e a liderança dos leigos, garantindo-lhe uma dinâmica própria e, não raras vezes, à margem

e em oposição aos desejos do clero e da Instituição Católica. Pedro Ribeiro de Oliveira ressalta que:

Dentro da mesma estratégia de ação está a substituição das antigas festas religiosas, realizadas por iniciativa leiga e onde o padre só surge como celebrante da missa e das bênçãos solenes, por festas litúrgicas ou festas ligadas às novas devoções. Assim, por exemplo, a festa da “Coroação de Nossa Senhora, que vem valorizar as Filhas de Maria, é muito incentivada, enquanto as antigas festas populares como as Folias de Reis, Folia do Divino, Procissão das Almas, as Festas Juninas e as procissões dos santos tradicionais são vistas com desdém pelo clero, senão combatidas como supersticiosas (OLIVEIRA, 1978: 74).

Gilbraz Aragão acrescenta que:

O catolicismo caracterizado pela paróquia com a missa dominical cheia de gente, pelas associações pias e festas do mês de maio e do padroeiro, pelas procissões e pelo vigário de batina, enfatizando a piedade e a moralidade, é um catolicismo implantado no Brasil a partir da segunda metade do século XIX. A estratégia dos bispos reformadores e do seu clero era desvalorizar os leigos, principalmente substituindo as devoções aos santos tradicionais por outras que na Europa combatiam o liberalismo anticlerical: Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Nossa Senhora Auxiliadora e o Sagrado Coração de Jesus. [...] Ao mesmo tempo, festas como a da Coroação de Nossa Senhora vieram substituir as Folias de Reis e do Divino, Procissão das Almas e as Festas Juninas. Trazendo as imagens dos oratórios para os templos paroquiais, o clero tornou-se o principal festeiro, dirigindo os cantos, as novenas e rezas, além da administração (ARAGÃO, 2013).

Mas, se esta atitude do clero contribuiu para o esvaziamento, para a mudança de objetivos e até mesmo para a extinção de muitas organizações leigas, as folias de Reis, ou como dizem hoje muitos dos embaixadores as “Companhias de Reis”¹ subsistiram e se constituem em rituais que expressam diferentes formas de exteriorização da fé e de convivência com o sagrado. Elas são capazes de sustentar uma crença que mesmo não encontrando espaço no interior do templo – este considerado como o espaço do catolicismo oficial -, elegem as casas dos devotos como locais para realizar seus rituais. É a simbiose entre sagrado e profano, ressignificados pelas companhias de Reis que reproduzem e reinventam o sagrado no encontro entre os magos do Oriente com o menino Deus, narrado pelo evangelista Mateus. E se, na contemporaneidade, muitos sacerdotes se aproximam dos rituais das folias, as

manifestações dessa religiosidade ainda estão longe de constituírem rituais com espaço e horário nas cerimônias da maioria das paróquias.

Todavia, em que pese sua marginalidade ritualística, a visita dos Reis ao menino Deus é recontada, reinterpretada e revivida por foliões e devotos que sob o signo e a benção das bandeiras, acompanhadas por toadas musicais, cantorias, violas, violões, caixa, sanfona, pandeiro e demais instrumentos de percussão, vestidos simbolicamente de Reis do Oriente ou portando fardões como distintivos das suas companhias, visitam as casas, cumprem promessas, renovam desejos, rezam, cantam e reproduzem rituais e práticas simbólicas que levam ao relacionamento com o sagrado. Um sagrado que somente pode ser compreendido e explicitado de forma subjetiva, individual e particular. É a manifestação de uma religiosidade cujo objetivo é dar visibilidade a uma fé simples e profunda, aos ritos primários e simbólicos e aos caminhos imaginários que somente a crença é capaz de fazê-los sentir e torná-los reais. Os poemas e as falas dos foliões expressam os sentimentos, as devoções e a crença no poder sagrado dos “Santos Reis”. Um sagrado que, conforme nos diz Roger Callois:

pertence, como uma propriedade estável ou efêmera, a certas coisas (os instrumentos de culto), a certos seres (o rei, o sacerdote), a certos espaços (o templo, a igreja), a certos tempos (o domingo, o dia da páscoa, o natal, etc.). Nada há que não possa tornar-se sua sede e revestir assim aos olhos do indivíduo ou da coletividade um prestígio sem igual. Nada há igualmente, que não possa ver-se desapossado dele. É uma qualidade que as coisas não possuem por si mesmas: uma graça misteriosa vem-na acrescentar a ela (CALLOIS, 1963: 20).

Todavia, Callois também ressalta que é do sagrado que o crente espera todo o socorro e todo o êxito. O respeito que lhe devota é uma ação de muita confiança. É uma força que possui o dom da fascinação. O que está em causa nesta noção é o próprio enraizamento da consciência no interior de uma realidade que a transcende. E para se compreender de forma mais profunda o simbolismo dos rituais, e das bandeiras, a força da sonoridade dos instrumentos musicais, a empolgação das cantorias adaptadas a cada circunstância e a cada espaço visitado e para se entender as emoções que afloram das orações, do compromisso com o “pagamento” de promessas, da singeleza e rusticidade coreográfica das danças, partiu-se dos relatos dos

próprios foliões, de suas histórias, de suas narrativas. Todas essas manifestações estão permeadas de uma religiosidade que resulta das vivências e das experiências acumuladas pelos indivíduos nos seus processos históricos de construção de seus imaginários, das representações de sua identidade e da adesão a um conjunto de crenças e ritos por meio dos quais externam sua fé. Objetos, rituais, liturgias preenchem funções que revelam o lado secreto das formas de vida e das articulações do homem com o sagrado. Desta relação nascem as crenças nos poderes que são reconhecidos nos santos e nas divindades capazes de realizar milagres ou de interferir diretamente na vida das pessoas.

E, em se tratando do sagrado, visto, sobretudo, como experiência e sentimento, nada melhor do que entendê-lo a partir das vivências da religiosidade, em especial daquelas que se desenvolvem a par das instituições religiosas ou das fórmulas previamente estabelecidas e autorizadas. As construções discursivas e as práticas ritualísticas possibilitam a observação e o registro da permanência de rituais religiosos, os quais, reelaborados e reinterpretados, subsistem e mantêm sua originalidade apesar das mudanças provocadas pela modernização da sociedade. Desta forma, sobrepondo sagrado e profano numa simbiose enriquecida pelo simbólico, pelos valores da cultura e da crença afirmam-se como expressão legítima do imaginário católico no passado e no presente.

A partir dessa concepção é possível entender o porquê das pessoas considerarem as representações que fazem do mundo e até de si próprias se transformarem em realidades sacralizadas e capazes de interferir diretamente na sua existência. Os rituais praticados fora dos templos e criando seus espaços próprios sustentam uma fé e uma religiosidade para a qual já não cabem tantas adjetivações. Como nos ensina Jacques Herrs, desde a Idade Média, especialmente no Ocidente, o catolicismo sempre foi rico em ritos, em festas e em espetáculos variados, ofícios divinos e procissões solenes. Segundo ele:

os padres insistiam em ilustrar alguns momentos da vida de Cristo melhor que por imagens e por isso proporcionavam aos fiéis autênticos quadros vivos. Por exemplo, a *Adoração dos Magos* no dia da

10.4025/6cih.pphuem.224

Epifania. Nas catedrais, este ritual da Epifania passou a revestir-se de um fausto muito especial desde que os cônegos começaram a celebrá-lo em forma de um jogo cênico. Nesse dia, três cônegos envergavam uma dalmática branca, o primeiro, encarnada, o segundo, e negra, o terceiro; cada um empunhava uma palma e tinha uma coroa dourada na cabeça. Eram seguidos pelos ajudantes que apresentavam oferendas em taças (HEERS, 1987: 46).

E se desde o século 13, no Ocidente católico, no período das festas natalinas os templos reproduzem um cenário que visa dominar os sentimentos, provocar emoções e reascender a fé, sobretudo ao montar um presépio no qual o menino Jesus é exposto ladeado por Maria e José, circundados pelos Reis Magos e outros símbolos de um catolicismo europeizado, fora deles, as folias de Reis reconstroem e revivem a primeira visita a Ele feita pelos três Magos do Oriente. Europa e Oriente, pela intermediação do “menino Deus”, renascem nos rituais e nos cultos oficiais e paralelos, nas cerimônias clericais e nas folias laicas. Folias que tem um profundo senso de religiosidade, que produzem um discurso atrelado ao conjunto de acontecimentos religiosos como a anunciação do Anjo a Maria, o nascimento de Jesus, a visita dos Reis Magos, as atitudes de Herodes, a matança das crianças e a fuga de Jesus para o Egito.

Enquanto no jogo cênico medieval, o presépio aparece estático no templo, fora dele é reproduzido e reinterpretado pelos foliões, que contam, a seu modo, a história do nascimento de menino Jesus, a viagem e adoração dos Magos obedecendo à sua criatividade, adaptando o evangelho de Mateus às histórias dos devotos e às circunstâncias de cada visita. Por isso, a folia de Reis assume um caráter de ritual laico-religioso que acontece predominantemente nas casas das famílias visitadas pelas companhias de foliões, levando sua bandeira, cantando musicas, fazendo rezas e pedindo a benção dos santos Reis. Nos seus percursos a oração é um componente indispensável, por meio da qual pedem a presença e a proteção de Deus.

Acompanhando uma das Companhias da cidade de Maringá a “Companhia Unidos com Fé” observa-se que ao chegar à casa dos devotos ela se apresenta com a saudação “Viva os três Reis santos, viva essa família que a nós acolhe” e, em seguida inicia a cantoria com os seguintes versos:

Oh que hora tão bonita, ai
Estamo aqui cantando, ai
Nós que estamos aqui cantando, ai
Nessa hora lá no céu, ai
Todos os santos estão louvando, ai
Todos os santos estão louvando, ai
Louvando estamo, ai
Também esta família, ai
Os santos Reis está pedindo ai! ai
O alimento prá companhia
O alimento prá companhia ai! ai (MARCHI, 2011).

Ao terminar, mais vivas aos três Reis santos e aos membros da família.

Embora o ritual das folias possua uma estrutura pré-estabelecida, sua execução depende muito da criatividade dos embaixadores e dos foliões que nelas introduzem suas próprias interpretações, dando novos sentidos ao que é o tradicional e básico na forma de apresentação.

Na organização de uma Companhia de Reis várias são as vozes pré-estabelecidas. Gabriel Arcanjo Viana, nascido em 15 de dezembro de 1936, na cidade de Cabo verde, Minas Gerais, folião há mais de quatro décadas, e embaixador da Companhia Unidos com Fé, destaca que uma companhia deve ter como cantores: o embaixador, contramestre, contralto, o tala, a requinta e a requintinha. Essas vozes são as básicas, podendo sofrer pequenas variações dependendo da situação e da Companhia. As vozes vão passando de um para o outro, sendo que o Embaixador é quem canta os versos, quase sempre sozinho, sejam eles os tradicionais ou aqueles que a criatividade do momento lhe inspirar. Para alguns desses embaixadores essa criatividade é inspiração divina. É ela que dita, na hora, o que o embaixador deve cantar.

Gabriel detalha também as principais funções que devem ser exercidas pelos membros da Companhia. Segundo ele:

10.4025/6cih.pphuem.224

O embaixador é o responsável. Tudo o que precisa procura o embaixador. Ele tem que estar muito ativo na comunidade, no compromisso. Ele não pode falsear. Ele não pode beber bebida alcoólica. Não pode! Senão ele desmancha o sentido. Ele é uma pessoa que está na frente, junto com a família. Às vezes o chefe da família não está. Está a filha ou o filho. Então o embaixador tem que levar a sério o compromisso. Ele é o que puxa a voz na cantoria (MARCHI, 2011)

Há outras funções que merecem destaque no ritual da Companhia como, por exemplo, a bandeireira, assim descrita por Gabriel: “Ela deve estar ativa no compromisso. [...] Ela é que vai levar a bandeira. Na bandeira está o presépio de Maria, completo. Ela entrega a bandeira para o dono ou para a dona da casa. Ela chega e entrega tudo com muito amor, com muito carinho, com muita responsabilidade” (MARCHI, 2011).

Além dela, o que não pode faltar numa Companhia são os Bastiões, também designados por alguns como “palhaços”. Gabriel ressalta que:

muitas companhias não dão valor aos Bastiões. Muitos até criticam. Muitos não caminham com Santos e reis e não dá valor aos Bastião. Muitos criticam. Me dói muito quando os que criticam dizendo que os Bastião foram os soldados de Herodes. Foi para matar o menino Jesus. Não! Os Bastião é defensor do Menino Jesus. É defensor da bandeira. É defensor da folia de Reis. A responsabilidade está na mão dos Bastião. Como que uma pessoa com esse compromisso de livrar o Menino Jesus da mão de Herodes, pode ser um traidor? Tem embaixador que fala que Bastião é traidor de Jesus. O traidor de Jesus não usaria roupa fantasiada, a mascara é fantasiada, enfeitada. [...] Foram eles que enganaram os soldados de Herodes, na ponte sobre o Rio Jordão quando Jesus fugia para o Egito. Eles entreteram os soldados de Herodes com folias, brincadeiras, salto mortal , cantoria, enquanto isso o menino Jesus , São José e Maria passaram (MARCHI, 2011)

Ângelo dos Santos, um dos foliões da Companhia Unidos com Fé, acrescenta que uma companhia para ter uma boa organização precisa de pessoas com experiência para ir passando para os jovens, explicando o que é uma folia. Segundo ele, muitas folias encerraram suas atividades por causa da bagunça, por não existir ordem e respeito. Essas folias faziam muitas coisas que não podiam fazer. Dentre essas coisas estão a bebida alcoólica e a falta de respeito nos rituais nas casas dos devotos. “O respeito é uma coisa importante dentro da casa das pessoas que nos recebem”. Ângelo ainda ressalta que para o sucesso da cantoria, é preciso um bom violeiro e um grupo que entende o que é música (MARCHI, 2011).

A constituição, a permanência e a continuidade das Companhias de Reis e a realização dos rituais nas festividades natalinas entre 24 de dezembro e 06 janeiro, é obra fundamentalmente familiar e de alguns amigos ou devotos. As famílias dos foliões, sobretudo os embaixadores, têm suas raízes no campo e a sua participação nas folias começou quase sempre na infância, quando ainda moravam na zona rural, ou na roça como eles próprios dizem. Gabriel descreve sua trajetória até chegar a ter sua própria Companhia com a seguinte narrativa:

Trabalhei no campo quase quarenta anos, na lavoura de café. A vida no campo não era ruim não, mas era muito sofrida. Não tinha prá quem vendê a produção. Para adquirir o dinheiro era difícil. Tinha fatura de tudo, não tinha era dinheiro. Para sair de casa e ir viajar andava 15 a 20 quilômetros a pé. A rodovia era de chão. O ônibus passava cedo e só voltava à noite. [...] O início foi no campo. Eu fui crescendo, pegando amizade, passeava muito, as famílias se deslocavam para visitar outras famílias. Nois rezava muito terço na época. Terço para são João, São Pedro, Santo Antônio. Eu continuo essa missão que meu pai deixou. Então era muito divertido. Muita diversão era oração. Rezava terço, rezava novena na casa dos vizinhos. Marcava terço, reunia toda família. Cada dia era uma diversão que tinha. Então ali reunia tudo... jovens e adultos. Naquele tempo não tinha televisão; nem rádio tinha naquela época. Então deslocava a família, fechava as casas e vinha todo o mundo. Quanto ia embora já era dez horas da noite. Diversão era oração naquela época. [...] A folia reunia todo mundo. No final tinha festa. Minha mãe gostava de fazê janta para os foliões. Dormia todo mundo lá em casa. Aí eu fui gostando, e quando peguei idade eu disse: eu também vou fazer isso. E hoje já completo 43 anos de folião [...] Eu comecei lá atrás. Gostava de ver os foliões cantando. Depois eu formei meu primeiro grupo. Eu já era casado. Era tudo parente e o que não era parente era compadre. Irmão, sobrinho, tio, cunhado (MARCHI, 2011).

Ângelo dos Santos, nascido em Coqueiral, Minas Gerais em 01 de novembro de 1944, começou a participar de folia na cidade de Arapongas, no Paraná. Também ele começou no campo:

Na época trabalhava na lavoura. Trabalhava mais do que aqui na cidade. Mas era livre. Depois você vai trabalhar de empregado na cidade. Não era fácil. O serviço da roça tem mais de cem tipos de serviço. Se o camarada não tiver coragem, não faz isso. A gente que nasce na roça aprende a fazer isso. Quem nasceu na cidade não vai fazer isso. [...] Eu tenho saudade da lavoura. Hoje eu não posso mais. Meu corpo não ajuda mais (MARCHI, 2011).

Narra sua participação nas folias com um misto de saudade e de paixão.

Passava três ou quatro folias de Reis em casa. Eu era muito pequenino, tinha três ou quatro anos. Eu via aquele pessoal cantando e eu achava muito bonito. Depois que eles chegavam em casa para jantar, eles dormia na nossa casa. No outro dia, eles iam embora. Eu não tinha cavaquinho prá tocá, eu pegava um pedaço de pau e ficava tocando e cantando. Eu e meus primos, todos pequenos. Eu fui apanhando gosto. Todo ano tinha folia. Aquilo foi dando continuidade, a gente foi crescendo, foi formando, né, e na região que a gente mudou, aqui prá Maringá em 1954, tinha também várias folias de Reis. Aí meus parentes passou a participar, meus tios, meus primos. Eu também fui acompanhando. Já era rapaizinho de 14, 15 anos, fui acompanhando a folia de Reis e fui pegando aquele gosto da folia de Reis. Aí já entrei junto tocando pandeiro, caixa. Eu ingressei mesmo no ano de 1966 e fiquei até hoje. Quando tento saí, os companheiro dizem ... não, você não pode saí não. Peguei gosto na Companhia de Reis. O ano que não saio, sinto falta. (MARCHI, 2011).

Embora hoje, a maioria dos foliões resida na cidade, a tradição rural ainda é marcante nas suas crenças e nos valores que formam a base dessa tradição cultural e de fé. Eles participam das folias porque gostam, porque é uma tradição familiar e porque, como dizem alguns deles, “está no sangue”. Não é a elaboração doutrinária, nem a explicação teológica e muito menos as conceituações sociológicas ou antropológicas que importam. Importa sim é a devoção aos santos Reis.

Esse componente rural também é ressaltado por Carlos Rodrigues Brandão quando qualifica a folia de Reis como “um espaço camponês simbolicamente estabelecido durante um período de tempo igualmente ritualizado, para efeito de circulação de dádivas – bens e serviços – entre um grupo precatório e moradores do território por onde ele circula” (BRANDÃO, 1981: 36). Francisco Garbosi contribui dizendo que:

Folia de Reis é uma cultura tradicionalmente do campo. Quando veio para a cidade quem gosta, quem é devoto de Santos Reis tem que se adaptar às normas da cidade. Eu acho que hoje em dia não está fácil também no campo, porque tem uma ou duas casas numa fazenda, na outra também tem mais duas ou três casas. Se for visitar de fazenda em fazenda tem que andar muito para cantar pouco (MARCHI: 2012)

Muitos foliões recordam com emoção e saudade e até com certo ar de nostalgia os tempos em que participavam das folias nos sítios. Alguns chegam

a dizer que o bom era se só pudessem cantar no campo. Na cidade, muitas vezes chegam a ser hostilizados e chamados de “cambada de vagabundo”. Nada disso, no entanto, esmorece o amor por suas Companhias, até porque, como dizem eles: “A gente tá aí porque gosta e por promessa”

Gosto, tradição familiar, ruralidade, costume regional são características marcantes das folias e motivos fundamentais para a adesão ao ritual. Não é porque o padre quer, porque a Igreja obriga. Como destaca Ângelo dos Santos, “eu via aquele pessoal cantando e eu achava muito bonito”.

O componente emocional fica evidenciado nas palavras de Gabriel “É uma parte muito importante prá gente. Eu faço isso com muito amor, muito carinho. Porque eu não faço isso por brincadeira. Eu não tenho canseira, também no meu trabalho, porque Santo Reis me dá muita força” (MARCHI, 2011). A emoção também aflora na chegada da bandeira às casas dos devotos. Os sentimentos, as lágrimas e as orações envolvem devotos e foliões, sobretudo porque à fé, somam-se as lembranças de graças recebidas e atribuídas aos Santos Reis. Inácio Bello dos Santos, embaixador da Companhia de Reis em Curitiba não esconde sua emoção ao relatar a sensação que sente ao se aproximar o final do ano:

Prá mim, deu nessa época assim, é a melhor coisa que tem prá mim é isso aí. Eu, parece que eu fico mais alegre, fico mais aberto. Porque o ano que eu não saio com uma Folia de Reis, prá mim não tem nada bom. Porque eu saio com Folia de Reis desde ..., acho que eu tinha um dez anos. Mas prá mim, o dia que eu não ia acompanhar ele, eu ficava em casa chorando. E toda a vida eu tive respeito com os mestres, qualquer que falasse comigo, não precisava ser meu mestre, qualquer folião que falasse comigo ‘não faz isso aí, oh’. Prá mim cabô. Não fazia. Eu gosto de Folia de Reis e por isso sigo até hoje e acho bom (MARCHI, 2009).

Estas emoções afloram sobretudo porque o componente simbólico domina o cenário e é de fundamental importância na composição de uma Companhia de Reis . O visual, os instrumentos musicais, a sonoridade das cantorias, e, em especial, a bandeira tornam-se objetos hierofânicos e compõem os elementos indispensáveis à ritualística da folia. A bandeira é sacralizada e personifica a estrela guia dos três Reis do Oriente, e assim como ela lhes mostrou o caminho para chegar a Jesus, a bandeira também guia os foliões para as casas dos devotos. Para eles, ela é um símbolo sagrado por

excelência, portadora de poderes e de uma sacralidade capaz de fazer verdadeiros milagres. O sagrado aflora e provoca sentimentos múltiplos; é um estágio intrínseco à estrutura da subjetividade humana.

Para alguns embaixadores, eles não entram nas casas que eles próprios selecionam, mas entram naquelas que a bandeira define para que sejam visitadas. Não são eles, mas a bandeira que faz a escolha: “a gente não vai aonde quer, a gente vai aonde ela nos leva”, dizem alguns. Essa interferência direta do sagrado na ação do homem também é descrita por diversos membros das companhias. Eles acreditam que os próprios versos cantados nos rituais são inspirados pelo poder de Deus, do Espírito Santo ou dos santos Reis.

Gabriel acrescenta que “grande parte das famílias que conhece, quando pega a bandeira, tá chorando, muita das vezes, das graças que recebeu” (MARCHI: 2012). Portanto, observa-se que a fé é um componente indispensável na relação do folião com a bandeira de sua companhia, bem como dos devotos que a recebem em suas casa. Esposa, marido e filhos a tratam com muita devoção e respeito, pois acreditam no poder de conceder graças e bênçãos. Ela é tão importante, que nenhuma Companhia de Reis se apresenta sem sua bandeira, pois além de guia, ela é o anunciante da chegada da folia na casa do devoto. Na recepção, ela é apresentada com cânticos que provocam forte emoção nos moradores. A ilustração deste cenário merece a citação de alguns versos cantados por embaixadores de diferentes Companhias: Inácio Bello se apresenta cantando:

Cheguemo na tua casa, ai
Prá trazê sua benção, ai
Vós pegô minha Bandeira, ai
E lovô pro seu salão, ai
Se a bandeira foi aceita, ai
Na sombra dela nós entra, ai
Senhores, me dá licença, ai
D’eu entrá no seu salão, ai
Boa noite meus senhores, ai
Como vai como passou
Os três Reis do Oriente (MARCHI, 2009)

Francisco Garbosi apresenta sua bandeira com os seguintes versos:

Um bater no coração
Chegou minha bandeira, ai, oilará

Os três Reis do Oriente
Todo mundo viajando,
Todo mundo viajando, ai, oilerê, oilará (MARCHI, 2012)

Outros foliões cantam:

Seu dono da casa, ai
Santos Reis está chegando, ai, ai, ai
De novo de porta em porta, ai
Deus menino procurando, ai, ai, oilará (MARCHI, 2012)

E se, por um lado, esse cenário de rituais, de cantorias, de sonoridades, de bandeiras, de festas e de oração responde à necessidade de externalização da religiosidade, por outro, revela uma simbiose entre o que é de Deus e o que é do homem. Sagrado e profano, articulados e sobrepostos atendem aos desejos e às necessidades da religiosidade e contribuem para a compreensão das sensibilidades e dos sentimentos expressos na fé e nas devoções. E, se ao longo do tempo, os templos se fecharam para elas e se os santos perderam espaço no “espaço sagrado do templo”, as folias de Reis, com apoio ou rejeição das estruturas oficiais, mantiveram viva, amada e respeitada uma fé que na sua sensibilidade, na sua simplicidade e na sua rusticidade estabelece um relacionamento direto com o sagrado. Ao somar forma e emoção as companhias de Reis criam e recriam a narrativa de Mateus e sustentam permanentemente a crença no poder dos magos do Oriente, agora rebatizados como “Santos Reis”.

REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, Gilbraz. Inculturação da fé cristã na religiosidade popular In: **Vida pastoral**. Site Pia Sociedade de São Paulo – Março-abril, 2013
- MATEUS (Evangélista), **Bíblia Sagrada**. São Paulo: Editora Ave Maria, 1982.
- BRANDÃO. Carlos Rodrigues. **Sacerdotes de Viola**, Petrópolis: Vozes, 1981
- CAILLOIS, Roger. **O homem e o sagrado**. 3ª edição. Lisboa: Edições 70, 1963
- GARBOSI, Francisco. **História, Mensagens e Embaixadas de Folia de Reis**. Londrina: Maxprint, 2002
- HEERS, Jacques. **Festas de Loucos e Carnavais**. Lisboa: Ed. Dom Quixote, 1987.
- MARCHI, Lia. **Folias do Norte do Paraná**. (Documentário 26'), Curitiba: Olaria Projetos de Arte e Educação, 2012
- MARCHI, Lia. **Folias Norte do Paraná**. Vídeos. Curitiba: Olaria Projetos de Arte e Educação, 2011 (foliasnorteparana.com.br).
- MARCHI, Lia, OSAKI, Maurício. **Dias de Reis: a história de uma companhia de Reis de Curitiba**. (Documentário, 26'), Curitiba: Olaria Projetos de Arte e Educação, 2009
- OLIVEIRA. Pedro Ribeiro de. Catolicismo do Povo. In: SANTOS, B. Beni dos & ROXO, Roberto. **Religião do Povo**, São Paulo: Edições Paulinas, 1978.

¹Folias de Reis foram reconceituadas mais recentemente ,por alguns dos foliões, como “Companhia de Reis”. Inácio Bello dos Santos, folião há mais de 70 anos, hoje residente em Curitiba, esclarece: não é folia, é companhia. Nós fala folia, mas é errado. É uma Companhia de Reis. Eu mesmo, todo mundo fala folia, mas não é. É porque folia, cê sabe que folia e a pessoa quando tá brigando, discutindo, os outros fala: o cara tava com folia lá na estrada. E a “Companhia dos Reis” nasceu pelos três Reis do Oriente. Foi a primeira visita que o menino Jesus recebeu. Foram os três Reis do Oriente. E foi por isso que nasceu a Folia de Reis. Os três Reis do Oriente foi visitá o menino. E ficô esta companhia dos três Reis Santos. Pois é, é isso aí que eu digo a vocês, isso aí já é uma ... Folia de Reis é uma tradição, né! Isso aí acho que é pela fé que tinha, porque eu gostava, né! Eu aprendi tudo os que os mestres cantava, eu aprendi (MARCHI, 2009).